

Educação Popular: sentido das experiências para Jovens do Urucongo

Ana Maria do Nascimentoⁱ 

Secretaria de Educação Municipal de Crato, Crato, CE, Brasil

Resumo

Este texto versa sobre os sentidos das experiências de educação popular para jovens do grupo Urucongo de Artes. A questão mobilizadora da investigação foi saber: quais os sentidos da experiência de educação popular para os/as jovens do grupo Urucongo? Objetivando compreender os sentidos das experiências de Educação Popular para jovens do grupo Urucongo de Artes. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, do tipo (auto) biográfica. Para coleta de dados foram desenvolvidos os Círculos Investigativos Dialógicos- CIDs, inspirado nos Círculos de Cultura de Paulo Freire. A pesquisa foi realizada na Comunidade Rural do Chico Gomes, Crato-CE, com a colaboração de seis jovens integrantes do grupo Urucongo de Artes. A escrita apoiou-se no pensamento de Brandão, Freire, Larrosa, Josso. Podemos evidenciar que as experiências de educação popular vivenciada pelos/as jovens têm potencial formativo e transformador de si e do outro. Mostram também a existência de múltiplos espaços de ensinar e aprender.

Palavras-chave: Educação Popular. Experiência Formadora. Jovens Rurais. Urucongo de Artes.

Popular Education: sense of experiences for Yung People Urucongo

Abstract

This text delas with meanings of popular education experiences for the Urucongo de Artes group. The mobilizing question of the investigation was to know what are meanings of the popular education for Young people from the Urucongo de Artes group. It is a research with a qualitative approach, with (auto)biographical type. For data collection, Dialogic Investigative Circles- CIDs were developede, inspiredby Paulo Freire´s Culture Circles. The research was carried out in the rural community of Chico Gomes, Crato-CE, with the collaboration of six young members of the Urucongo de Artes group. The writing was based on the thought of Brandão, Freire, Larrosa, Josso. We can show that the experiences of popular education experienced by yung people have formative and transforming potential for themselves and others. It also shows the existence of multiple spaces teaching and learning.

Keywords: Popular Education. Formative Experience. Rural Youth. Urucongo de Artes.

1 Introdução

O presente artigo tem como objeto de análise a Educação Popular e seu potencial formativo com e para jovens rurais da comunidade do Chico Gomes em Crato-CE. O trabalho foi realizado com o grupo Urucongo de Artes.

Para efeito de compreensão o grupo Uruconco de Artes, é uma articulação de jovens da comunidade do Chico Gomes, localizada na cidade de CRATO- CE, e visa à realização de atividades artísticas e culturais como estratégias de luta, existência e re-existência. Nascido em 2016, a partir de uma quadrilha junina, os/as jovens deixam as disputas e festivais em 2006, para pensar uma nova forma de organização política cultural.

O Urucongo representa para eles/elas o resgate do movimento cultural que acontecia na comunidade antes da chegada do latifúndio. Urucongo é um nome que não é encontrado nos dicionários tradicionais, mas está vivo na memória popular, pois remete ao berimbau, instrumento tocado nas rodas de capoeira. O gingado festivo e lutador diz muito da inspiração do grupo Urucongo de Artes.

É um grupo de pretensões firmes que atua para desmistificar uma realidade dada como certa. Para Araújo (2017, p. 111) “[...] o grupo atua na comunidade com pretensões firmes, incidindo diretamente nas marcas geradas historicamente pelo agenciamento de poder escravocrata-coronelista, provocando saltos nos processos de subjetivação.” Segundo o autor o Grupo Urucongo possibilita a criação de novas referências, modificando as configurações estabelecidas na comunidade.

Neste sentido, a questão central mobilizadora deste estudo foi saber: quais os sentidos da experiência de educação popular para os/as jovens rurais da comunidade do Chico Gomes, sabendo-se que o objetivo geral se centra em compreender os sentidos das experiências de Educação Popular para jovens rurais da Comunidade.

Os resultados apontam que as ações desenvolvidas pelos jovens rurais do Urucongo têm sido experiências formadoras de si e do outro, mostrando, ainda, a importância de valorizar outros lugares de formação para além da escola formal.

2 Metodologia

Este trabalho está ancorado na abordagem da pesquisa qualitativa, tendo em vista que os dados oriundos deste debate decorrem das experiências do próprio campo e não tem como intenção quantificar resultados, mas dialogar com as subjetividades dos sujeitos. Neste sentido, este tipo de pesquisa tem como características principais: o ambiente natural como fonte direta de dados, é descritiva, há uma preocupação com o processo e não apenas com o produto. Sendo assim, “à medida que os dados são coletados, são também interpretados, o que pode levar à necessidade de novos levantamentos”. (MARCONI; LAKATOS, 2011.p. 273).

Contudo, trabalhamos com a pesquisa (auto) biográfica. Para Ferrarotti (2014, p. 18) o método biográfico é algo desestabilizador “porque conduz o pesquisador a reconhecer que ele não sabe, que só pode começar a saber junto com os outros- com as pessoas-, com o saber das pessoas e, em particular com o saber que os interlocutores ou “interatores” constroem com eles”. Em suma, é um saber que se estabelece a partir das narrativas, considerando que não se trata de um saber desvinculado da realidade histórica cultural, mas um saber situado. O biográfico se caracteriza por ser uma categoria da experiência que possibilita ao indivíduo narrar e interpretar o seu estar no mundo, a partir das situações sócio-históricas vivenciadas por ele.

Larossa (2015, p. 18) afirma que “a experiência é aquilo que nos passa, o que nos acontece e que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passa muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece”. Nesta linha de raciocínio, fomos dialogando com os/as jovens colaboradores/as da pesquisa, buscando compreender os sentidos das experiências buscando sentir em seus relatos o que lhes aconteceu e o que tocou na experiência de ser e fazer parte do Uruongó.

A pesquisa (auto) biográfica é considerada coerente com a pesquisa qualitativa, pois envolve o contato direto com as pessoas em seu ambiente natural. Coerente também, pela postura dialógica presente neste tipo de investigação. É uma pesquisa que se interessa pela forma como os indivíduos narram e dão sentido às suas experiências. Delory-Moberger (2008, p. 93) revela: “Essas construções biográficas são acessíveis e identificáveis especialmente nos ‘relatos de vida’ e em

todas as formas de expressão de escrita de si por aqueles indivíduos que se biografam”

Compreendemos que este tipo de pesquisa não se limita ao simples fato de enumerar linearmente eventos vividos. Narrar é uma operação configuradora de si: representação construída de sua existência no mundo, na perspectiva do paradigma do singular-plural. Sendo assim, as reflexões que compõem este texto se situam na confluência entre o indivíduo (singular) e a sociedade (plural).

Conforme afirmações anteriores, a pesquisa foi realizada na comunidade rural do Chico Gomes, na cidade de Crato-Ceará, localizada na região sul do Cariri. Freire (2011), revela que para os homens e as mulheres o espaço não pode ser visto como apenas um espaço físico, seria essa uma posição “focalista”. Dito isto, compreendemos o *lócus* da investigação como lugar histórico, e fazedor de cultura. No que se refere aos colaboradores da pesquisa, contamos com seis jovens membros do grupo Urucongo de Artes da comunidade do Chico Gomes, sendo três homens e três mulheres. A escolha se deu a partir de uma carta convite àqueles que faziam parte do grupo desde sua efetivação em 2001 (como quadrilha junina), ou que tivesse entrado um pouco depois.

Para produzir os dados trabalhamos com os Círculos Investigativos Dialógicos, uma proposta inspirada nos círculos de cultura proposto por Paulo Freire em diferentes contextos. A partir da compreensão dos Círculos de Cultura da tradição freireana, desenvolvemos os Círculos Investigativos dialógicos (CIDs), tivemos como características fundamentais, três etapas: A imersão no contexto, buscando conhecer a realidade dos sujeitos a serem investigados; a seleção dos temas para serem desenvolvidos nos encontros do CIDs e as rodas de conversas dialógicas em que produzimos os dados desta investigação, a partir das experiências concretas vivenciadas nas ações cotidianas dos/as jovens da comunidade rural do Chico Gomes.

Neste sentido, foram seis encontros. No primeiro, apresentamos os objetivos da pesquisa e trabalhamos com o acordo biográfico, ou seja, negociamos os acordos para a caminhada durante a pesquisa. Nele, os jovens assinaram um termo de

consentimento Livre e Esclarecido e um termo de autorização de imagens. As falas que compõem o texto trazem os nomes reais dos/as colaboradores/as.

No que se refere ao cenário da pesquisa, esta foi desenvolvida em diferentes espaços na comunidade: o que chamamos terreiros¹ da pesquisa. Cada encontro aconteceu em um lugar diferente. Cada encontro trazia uma temática diferente no sentido de construir as narrativas das experiências vivenciadas por eles/as. Tendo como questão norteadora: como me tornei a pessoa que sou hoje? Essa metodologia pode “possibilitar maior visibilidade à voz do indivíduo que vivenciou determinada situação, fato ou conjuntura histórica que durante muito tempo ficou expurgado das versões da historiografia oficial[...]” (FIALHO; BRAGA JUNIOR; MONTE; BRANDENBURG, 2020, p. 3)

O material produzido em todas as etapas foi analisado à luz das elaborações de Moraes (2003) que propõe um processo intuitivo que lembra uma “tempestade de luz” e que ele intitulou de Análise Textual Discursiva. A análise é feita considerando um ciclo básico de três elementos: unitarização, categorização e comunicação. De acordo com o autor “a desconstrução e unitarização do *corpus* consiste num processo de desmontagem e desintegração dos textos, destacando seus elementos constituintes” (MORAES, 2003, p. 195)

O segundo passo da análise consiste em desenvolver a categorização. Para o autor supracitado (2003, p 197) “a categorização é um processo constante entre as unidades definidas no processo inicial de análise, levando a agrupamentos semelhantes”. Os conjuntos de significação próximos constituem as categorias. Vale ressaltar que demanda um trabalho cheio de critérios e minuciosidade no que diz respeito à reunião de elementos para definir as categorias considerando as já iniciadas anteriormente.

O terceiro passo dessa análise se caracteriza por ser o momento da comunicação, ou seja, é o momento de “captar o novo emergente”. É um trabalho de intenso envolvimento de análise considerando as etapas anteriores. Possibilitando uma nova compreensão entre os elementos estudados a partir da relação

¹ Terreiro são os espaços externos das casas nas comunidades rurais

estabelecida com os autores e o contexto social, histórico, político no qual está inserida a pesquisa e seus atores.

3 Resultados e Discussões

6

Para iniciar este debate trazemos uma reflexão de educação proposta por Brandão (2007, p. 7-8), quando afirma: “Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar[...]”

Neste sentido, é, essa a concepção de educação que acreditamos e com a qual iremos dialogar neste estudo. A educação popular possui um campo de atuação em múltiplos espaços educativos de resistência, sejam eles escolares ou não (CARRILHO, 2013). Muitos a estreitam e retiram suas características políticas e formadoras e descaracterizam sua verdadeira intencionalidade.

A educação popular se inspira fundamentalmente nos trabalhos realizados por Paulo Freire e seus continuadores. O educador pernambucano influenciou diretamente o campo teórico, metodológico e prático, em diferentes contextos educativos. Freire foi e é inspirador de muitos educadores. É referência para diversas experiências nos movimentos sociais, tendo em vista carregar no seu legado um conceito de educação que tem como princípio a prática da educação para a liberdade.

O Grupo Urucongo de Artes se firma dentro desta concepção educativa e vê na educação popular uma inspiração para suas lutas cotidianas. Nesta perspectiva, retomamos a nossa questão central que é compreender, qual o sentido das experiências de educação popular para os jovens Urucongo de Artes? Para tanto dois conceitos precisam ser discutidos: sentido e experiência. A nossa compreensão de sentido caminha em direção ao que aponta Vigotsky (2009. p. 465),

[...] o sentido de uma palavra é soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre a formação dinâmica, fluída, complexa que tem várias zonas de instabilidade variada. Significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais uma zona mais estável uniforme e exata.

A partir das contribuições de Vigostsky, podemos entender que o sentido real de algo é expresso “por toda riqueza dos momentos existentes na consciência e relacionados àquilo que está expresso em uma determinada palavra” (p,456). A partir desse entendimento buscamos compreender os sentidos das experiências para os/as jovens rurais do Grupo Urucongo de Artes.

No tocante a experiência, Larrosa (2015) afirma que experiência é o que nos acontece e que nos toca, não simplesmente o que nos acontece. Desse modo a experiência pode ser formadora segundo Josso (2004, p. 39), “O que faz a experiência ser formadora é uma aprendizagem que articula, hierarquicamente: saber-fazer e conhecimentos, funcionalidade e significação [...]”.

Com base neste entendimento, buscamos compreender os sentidos dados às aprendizagens experienciais realizadas pelos/as jovens do grupo Urucongo de Artes, mergulhando em suas narrativas, tentando reconhecer marcas e efeitos dessas experiências. Desse modo, Rosely expressa: “[...] Se não fosse o Urucongo eu não seria a pessoa que sou hoje A questão de sempre tá procurando melhoria [...]. Procurando uma faculdade que pudesse ajudar a contribuir aqui na comunidade e não fazer algo por fazer”

Rosely traz uma fala potente, pois revela o quanto o Urucongo foi formador e nos permite reafirmar sobre a existência e alternativa de espaços de ensino e aprendizagens, muitas vezes mais exitosas do que a escola. Corroboramos com Dantas e Schmitz (2016, p. 125) ao afirmar: “A educação abrange, além de formação cognitiva, processos de socialização, acompanhamento e apoio ao autodesenvolvimento. Nesse sentido, a educação está presente em quaisquer espaços. Nesta mesma linha de raciocínio, Manoel Leandro aponta:

Aqui, a gente aprendeu muita coisa que dificilmente se aprenderia na escola formal, muita coisa mesmo. Por exemplo: a questão da memória de você conhecer a história do seu lugar, as músicas, o jeito de dançar, que a gente não aprende na escola, mas é um acontecimento muito grande. A questão da formação não só neste sentido, mas as formações que tivemos sobre agroecologia e como plantar sem agrotóxicos, sem utilizar queimadas, essas coisas que a gente foi aprendendo nas formações e fomos fazendo. E teve muitas coisas que a gente aprendeu mesmo com as pessoas da comunidade, numa roda de conversa, nas conversas informais, aprendendo com esse povo. Povo esse que a escola formal desconsidera [...] coisas que aprendi

aqui, consigo multiplicar esses saberes em outros lugares. Isso é muito interessante.

Manoel Leandro atribui sentido às vivências no Grupo Urucongo e aponta a intensidade dessa formação que se revela no modo de pensar e perceber o mundo do qual faz parte. Quando fala dos processos de aprendizagens, ele quer dizer assim como Larrosa (2015, p. 25) que para observarmos se as experiências nos tocam é necessário: “[...] parar para olhar, parar escutar, pensar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar nos detalhes [...] abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, o que nos toca, aprender a lentidão, escutar aos outros”

Ao falar sobre as aprendizagens decorrentes da escuta nas rodas de conversas, nos diálogos com os mais experientes da comunidade num trabalho de memória, Manoel Leandro faz lembrar o Benjamin (1994, p. 201), quando afirma que “o narrador retira da experiência o que ele conta: com sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas a experiência de seus pelos ouvintes [...]”. A partir da fala de Manoel, entendemos haver um encontro de experiências quando reconhece a existência de um saber popular advindo das experiências dos seus ancestrais. Nota-se, que a participação desses/as jovens dentro de movimentos populares tem fortalecido suas identidades e se mostrado como lugar de formação. Vejamos o relato de Ana Cristina:

[...] O Urucongo foi um espaço formativo, que fortaleceu a nossa autoestima, para se fortalecer no reconhecimento da nossa identidade. Aprendi coisas no grupo que jamais aprenderia na escola. E vejo assim, dentro da universidade sempre que vejo algum texto eu tentava fazer relação com o que a gente vivencia aqui. Muitas vezes, a maioria das vezes, os professores se voltam muito para a questão da escola, nunca estabelecem uma relação com o local, com a comunidade, então eu começo a olhar a partir daqui. O Urucongo me ajuda a fazer leituras mais críticas, me ajuda a estabelecer relação com a minha realidade.

À medida que paramos para analisar este relato de Ana Cristina, observamos que ela nos coloca diante de questões relevantes. Uma delas é apontar o Urucongo como uma experiência formadora. Neste sentido, retomamos a fala de Josso (2010) para confirmar que experiências formadoras são as experiências que nos possibilitam aprendizagens, e refletem sobre os conhecimentos, sua funcionalidade e significação.

4 Considerações finais

As reflexões trazidas neste debate demonstram nossa preocupação em compreender os sentidos das experiências de educação popular para os/as jovens rurais do grupo Uruongo de Artes, a partir de suas narrativas.

Os dados apontaram que a educação popular tem potencial formativo e transformador que pode contribuir positivamente para a construção das identidades e subjetividades. Apontaram que as experiências vivenciadas pelos/as jovens do Uruongo são experiências fundadoras, pois tiveram significações em seus percursos de vida.

Os diálogos trazidos pelos/as jovens em suas narrativas apontaram para a necessidade de repensar não só as concepções de aprendizagens voltadas para os espaços escolares, quanto a necessidade urgente de formar educadores para atuarem em campos não escolares. Isso leva a inferir que existem diferentes lugares de ensinar e aprender, e que o pedagogo tem diferentes possibilidades de atuação.

Referências

ARAUJO, Yure Emanuel de Melo Feitosa. **Experimentações de um cartógrafo com sua bicicleta:** entre acidentes na estrada e afirmações da vida nos terreiros da comunidade Chico Gomes (CE). 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Agrárias e Biodiversidade, Mestrado em Desenvolvimento Regional Sustentável, Universidade Federal do Cariri Crato, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas:** magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Carlos Rodrigo. **O que é Educação?**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CARRILHO, Afonso Torres. A Educação Popular como Prática Política e Pedagógica Emancipatória. In: STRECK, Danilo; ESTEBAN, Maria Teresa. (orgs). **Educação Popular:** lugar de construção Social e Coletiva. Petrópolis: Vozes, 2013.

DANTAS, Cássia Machado Ribeiro^{1*}; SCHMITZ, Heike. A Formação do Pedagogo com Vistas à sua Atuação em Ambientes Empresarial. **Educação & Formação,**

Fortaleza, v.1, n.1, p. 124-139, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/95/76>. Acesso em: 19 jul. 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: Figuras do Indivíduo-Projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

FERRAROTTI, Franco. **História e História de Vida**. Trad. de Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRAGA JUNIOR, Victor Ricardo de Sousa; MONTE, Rayane Sales; BRANDENBURG, Cristine. O uso da História oral na narrativa da história da educação no Ceará. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505/4059>. Acesso em: 17 jun. 2021.

FEIRE, Paulo **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiências. Tradução de Cirstina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MORAES, Roque. Uma tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ⁱ Ana Maria do Nascimento, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7172-2639>

Secretaria Municipal de Educação do Crato – SME/Crato

Professora da Educação Básica da Rede Municipal de Educação do Crato, Ceará. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará-UFC, Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará- UECE, Especialista em Arte Educação Universidade Regional do Cariri-URCA, Pedagoga, pela Universidade Regional do Cariri-URCA.

Contribuição de autoria: A autora desenvolveu a pesquisa, o estudo, a coleta e a escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4176706641345943>

E-mail: rinaestrela@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021
<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>
ISSN: 2675-9144



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) Atribuição 4.0 Internacional.

NASCIMENTO, Ana Maria do. Educação Popular: Sentido das Experiências para Jovens do Uruçongó. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.